



O PAPEL DO INTÉRPRETE DE LIBRAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Kely Cristiane da Silva*

Adil Antonio Alves de Oliveira**

RESUMO

Este artigo tem com objetivo compreender como se dá o trabalho do intérprete de LIBRAS na Escola Municipal Jurandir Liberino de Mesquita, em Sinop. A metodologia utilizada foi à pesquisa qualitativa com observação participante por meio de entrevistas semiestruturadas. Buscou-se analisar a relação aluno/professor e intérprete em sala de aula, no processo de alfabetização. Os fundamentos teóricos de Carlos Skliar, Karin Strobel e Ronice Müller Quadros embasam o artigo. Os dados demonstraram que o profissional intérprete de Libras é de fundamental importância para o processo de ensino-aprendizagem na educação especial.

Palavras-chave: Educação Especial. Intérprete de LIBRAS. Alunos e Professor.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem início com um breve relato histórico e educacional do Surdo nas principais sociedades da época. A busca pelo reconhecimento e pela legitimidade da comunidade Surda passou de atos individualizados a direitos conquistados em leis.

O atual momento que vivemos deu ao Surdo/deficiente auditivo o reconhecimento enquanto uma comunidade com atenção especial. O reconhecimento da língua brasileira de sinais (LIBRAS) se tornou um marco para o processo educacional, assim com a oficialização profissional do tradutor intérprete de Libras.

* Graduanda de Pedagogia. Pertence ao Grupo de Estudos do Professor Me. Adil Antonio Alves de Oliveira.

** Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Trabalho, Educação e Práticas Sociais (GEPTEPS).

A pesquisa foi realizada com dois alunos Surdo/deficiente auditivo de 2º e 3º ano do ensino fundamental, duas intérprete e suas professoras. Os resultados encontrados através da pesquisa permitiram a avaliação de como se dá o papel de intérprete de Libras no processo de aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental, assim como as dificuldades encontradas pelos alunos, intérpretes e professores.

2 O DEFICIENTE AUDITIVO: Movimentos Sociais e Educativos

Ao longo dos séculos a vida do D.A (deficiente auditivo) não foi diferente de qualquer outro deficiente, a busca pela perfeição humana muitas vezes levava a exclusão de pessoas que não se enquadrasse dentro dos padrões de normalidade da sociedade na qual pertencia. Na antiguidade o conceito de normalidade assim como a concepção sobre o Surdo mudava consideravelmente de uma cultura para outra. No Egito os Surdos considerados criaturas privilegiadas, enviados por deuses a terra. Havia um forte sentimento humanitário e respeito, protegiam e tributavam aos surdos à adoração, no entanto, os surdos tinham vida inativa e não eram educados (STROBEL, 2009, p. 18). Já nas sociedades grega e romana, o Surdo era visto como um entrave na sociedade, quando não era condenados a morte, após seu nascimento eram rejeitados, ignorado vivia a margem do convívio social e familiar.

Durante a idade média a igreja católica dominava o cenário religioso, possuía uma grande influencia sobre a população e seu comportamento. Os cristãos acreditavam que os Surdos eram criaturas imortais, e que não possuía alma, sendo seres incapazes de proferir os sacramentos da igreja.

Considerados doentes membros de uma minoria linguística, os surdos tinham seus direitos negados pela sociedade, eram privados de se casar, de adquirir ou herdar bens. Já os surdos que conseguia se comunicar através da linguagem oral e da leitura labial tinha uma aceitação diferenciada na sociedade, esses poderia trabalhar, possuir negócios e se casar.

Somente na idade moderna, no início do século XVI começaram a surgir pedagogos que se interessaram ao ensino dos Surdos, através de métodos pedagógicos variados como o ensino da fala, da escrita o alfabeto manual e sinais. O médico e filósofo italiano Gerolamo Cardano, considerado uns dos primeiros educadores de surdos, acreditava que a surdez, por si mesma, não afetava a capacidade de aprender, e que o melhor meio para essa aprendizagem era através da escrita.

No final do século XVIII, dando início a uma fase de mudanças, surgem às primeiras escolas para a educação do Surdo. Em diferentes países da Europa, estudiosos deram início a diferentes propostas de ensino, entre eles estão, Charles-Michel de L'Épée na França e

Samuel Heinicke na Alemanha, ambos grandes mentores na educação dos Surdos. L'Épée foi o fundador da primeira escola pública para os surdos o Instituto para Jovens Surdos e Mudos de Paris, grande entusiasta da educação dos Surdos, apoiava a comunicação através dos sinais, acreditava na caridade humana, passava horas nas ruas de Paris instruindo Surdos moradores de rua a se comunicar através dos sinais. Samuel Heinicke é considerado o pai do método alemão 'oralismo puro' acreditava que a fala era ferramenta mais apropriada para o ensino do Surdo, e que a língua de sinais inibiria este processo.

Em 1855 Edward Huet seguidor de L'Épée chega ao Brasil com apoio de D. Pedro II, que impressionado com os bons resultados obtidos na educação dos surdos através da linguagem de sinais na França. Participou da fundação do Imperial Instituto de Surdos-Mudos na cidade de Rio de Janeiro no dia 26 de Setembro de 1856, onde cem anos após sua fundação passou a funcionar o atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Durante anos o instituto se tornou ponto de referência para os Surdos de todo Brasil, abrindo caminho para outros centros, institutos e associações de Surdos.

Durante o II Congresso Internacional de Educação do Surdo, em Milão na Itália, em 1880, o método oralista foi considerado o mais adequado e acreditando na superioridade da linguagem oral á língua de sinais que então foi proibida oficialmente.

Após o congresso vários países pelo mundo adotaram o oralismo como principal método de escolarização dos Surdos, inclusivo o Imperial instituto de Surdo-Mudo no Brasil. O método oral se tornou uma imposição, que limitava o Surdo a viver plenamente a sua identidade.

Em meados de 1960 os resultados insatisfatórios obtidos pelo oralismo, estudos mostravam a superioridade educacional da criança surda filha de pais surdos se comparados às crianças surdas filha de pais ouvinte. Acreditando que a linguagem de sinais era corresponsável por um melhor desenvolvimento da criança surda, a comunicação total passou a ser utilizada no Brasil, o método defendia a comunicação e educação do Surdo através da linguagem oral, da leitura orofacial, da ampliação dos sinais e do alfabeto manual. Os resultados obtidos com a comunicação total são questionáveis quando observamos as pessoas com surdez frente aos desafios da vida cotidiana.

No final da década de 80 chega o bilinguismo ao Brasil. Visando o ensino de duas línguas na escolarização do aluno surdo, a primeira a linguagem de sinais (L1) e a segunda língua portuguesa (L2) preferencialmente na modalidade escrita. Skliar (1997, p. 102) coloca que o bilinguismo, diante de todas as questões de linguagem, de supremacia cultural ocorrida no Brasil, vem a calhar com a reestruturação da autoimagem do surdo. “Ousemos afirmar que

o bilinguismo resgata a identidade do surdo enquanto cidadão consciente, através da valorização da prática da Língua dos Sinais”.

2.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA O ATENDIMENTO DO ALUNO SURDO/DEFICIENTE AUDITIVO

A história educacional do Surdo/deficiente auditivo teve grandes avanços nas últimas décadas, porém ainda está longe do ideal. Com o direito a uma escola inclusiva que promova uma educação bilíngue e que ofereça condições básicas de aprendizado, o aluno teria um ambiente propício para seu aprendizado. Apoiados na Declaração de Salamanca 1994 que estimula o aprendizado em conjunto independente de suas dificuldades e diferenças, as políticas para educação inclusiva atual visa à complementação da formação e não mais a substituição do ensino regular por escolas especializadas.

E Para que o processo de inclusão e aprendizado ocorra de maneira natural no ambiente escolar é fundamental que todas as escolas se envolvam no aprendizado da Libras, enquanto a segunda língua da comunidade escolar e a interação entre aluno, professor e intérprete é fundamental para o aprendizado do aluno Surdo/deficiente auditivo.

2.2 TRADUTOR E INTÉRPRETE: o trabalho em sala aula

A trajetória do tradutor intérprete de língua de sinais teve início em vários países através de estudiosos e voluntários que defendiam a língua de sinais como forma mais apropriada para a comunicação do Surdo/deficiente auditivo. O trabalho do intérprete ganhou espaço à medida que os Surdo/deficientes auditivos foram conquistando o reconhecimento como pessoa participante de sua sociedade, juntamente com o reconhecimento linguístico da língua brasileira de sinais e a oficialização profissional do tradutor e Intérprete de Libras. No Brasil acredita-se que a presença do intérprete de Libras teve início nos anos de 1980, com trabalhos religiosos.

O papel do profissional intérprete de Libras em sala de aula sempre foi envolto a muita discussão, pois embora muitas vezes o papel do intérprete se confunda com o papel do professor, os dois profissionais desenvolvem papéis diferentes em sala de aula. O professor é a figura responsável pelo ensino, assim como por seus alunos. O intérprete atua como mediador entre o professor e o aluno, fazendo a interpretação dos conteúdos trabalhados pelo professor para a linguagem de sinais. A conduta ética do intérprete os impede de se envolver além do

necessário, porém para o intérprete que atua na área educacional é algo impossível já que normalmente os alunos da sala sempre veem a figura do intérprete como a de um professor e acaba dirigindo a ele questões e conteúdos trabalhados em sala.

Outro ponto comum nesta relação é a visão do professor que acaba delegando ao interprete a responsabilidade de assumir o seu ensino assim como a elaboração dos conteúdos ao aluno Surdo/deficiente auditivo. “O intérprete por sua vez, se assumir todos os papeis delegados por parte dos professores e alunos, acaba sendo sobrecarregado e, também acaba por confundir o seu papel dentro do processo educacional, [...]” (QUADROS, 2004, p. 60).

Acreditando que o papel do intérprete de Libras vai além da pratica de tradução simultânea, temos a figura do intérprete educacional. O intérprete educacional ou intérprete especialista que segundo Quadros (2004, p.59) “é aquele que atua como profissional intérprete de língua de sinais na educação [...]”, neste sentido o intérprete educacional deve ser uma pessoa que além de ser fluente na língua de sinais, deve estar preparado para trabalhar em diferentes áreas de ensino, com formação em área específicas o intérprete teria competência para participar das adaptações necessárias dos conteúdos pedagógicos, teria tanta responsabilidade quanto à professora regente em relação ao aluno Surdo/deficiente auditivo. De modo geral, e sempre recomendado que os intérpretes que atuam em sala de aula repassem ao professor qualquer questionamento do aluno, esclarecendo a sua função mesmo que ampliada. Para Damázio (2007, p. 16):

É absolutamente necessário entender que o tradutor e intérprete é apenas um mediador da comunicação e não um facilitador da aprendizagem e que esses papeis são absolutamente diferente e precisam ser devidamente distinguidos e respeitados nas escolas de nível básico e superior.

A simples presença do intérprete de libras em sala de aula não garante o aprendizado do aluno. Mas garante a comunicação e a interação de ambos em sala de aula.

3 METODOLOGIA DE TRABALHO

A metodologia utilizada neste trabalho foi à pesquisa qualitativa, com observação participante com entrevistas semiestruturadas, realizada durante o primeiro semestre de 2014.

De acordo com Triviños (1987, p. 125):

A pesquisa qualitativa tem suas raízes nas práticas, desenvolvidas pelos antropólogos, e pelos sociólogos em seus estudos sobre a vida em comunidade. O teor de qualquer método qualitativo que se desenvolverá será dado pelo referencial teórico no qual se apoie o pesquisador.

Triviños ainda afirma que a observação direta ou participante, ocorre por meio do contato, observação direta do sujeito pesquisador para com o observado, seja para recolher as ações e informações objetivadas dos sujeitos em seu contexto natural diante de sua problemática, a partir de suas perspectivas e seus pontos de vista.

4 PESQUISA DE CAMPO

As entrevistas foram, realizada com os intérpretes, os alunos e a professora de duas turmas diferentes uma de 2º ano vespertino e uma turma do 3º matutino, na Escola Municipal Jurandir Liberino de Mesquita, localizada na Rua das Violetas, nº 2300 Jardim das Violetas.

5 ANÁLISE DE DADOS

Neste momento, ser apresentado os dados levantados e analisados durante a pesquisa devidamente fundamentada em autores estudiosos sobre o indivíduo surdo/deficiente auditivo. Assim seguem os seguintes resultados.

5.1 INTÉRPRETE DE LIBRAS

Enquanto a formação e especialização dos intérpretes de Libras. O intérprete L1e formado em pedagogia com pós-graduação em psicopedagogia. O intérprete L2 e formado em letras/língua inglesa. Ambos são certificados pelo exame ProLibras¹.

1- Quais são as dificuldades/facilidades existentes no processo de aprendizagem do aluno Surdo/deficiente auditivo?

(01) Intérprete 1: As dificuldades são quando temos professores que não fazem adaptações e Surdos que não se interessam em estudar, facilidades é quando podemos conversas em Libras para explicar os conteúdos.

(02) Intérprete 2: Dificuldades relacionadas á adaptação de conteúdos principalmente nas series iniciais quando a criança surda ainda esta se apropriando da 1º língua, a Libras.

¹ ProLibras é um exame de proficiência que certificará, anualmente, docentes, e tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais Libras.

As intérpretes participam da mesma opinião, para a intérprete (L1) as dificuldades esta relacionadas à falta de adaptações dos conteúdos e materiais, pelos professores regentes, que em tese são os responsáveis por todo o processo pedagógico do aluno, porém na maioria das vezes o professor acaba delegando ao intérprete essa responsabilidade; para a intérprete (L2), a falta de adaptações ao conteúdo, principalmente nas séries iniciais, dificulta muito, tanto o aprendizado do aluno quanto o seu trabalho enquanto mediador, outra dificuldade está na falta de apropriação da criança com a Libras como sua língua materna e a primeira a ser aprendida pelo aluno, mas para que isso ocorra é preciso que o aluno participe no horário oposto do atendimento especializado realizado na sala de recursos com o ensino da Libras.

5.2 ALUNOS SURDO/DEFICIENTE AUDITIVO

O aluno A1 tem 10 anos e frequenta a 3º série, o aluno A2 tem 7 anos e frequente a 2º série.

1- Qual a importância de ter um intérprete de LIBRAS na sala de aula?

(03) Aluno 3: E muito importante, pois sem intérprete fica difícil acompanhar as matérias.

(04) Aluno 4: E muito bom, pois assim eu aprendo mais e consigo me comunicar com os alunos e professores.

Vimos que para ambos os alunos é muito importante ter um intérprete junto a eles na sala de aula, que sem o mesmo ficaria difícil acompanhar as matéria. O segundo aluno coloca que o intérprete auxilia ele durante a comunicação com os professores e seus colegas de sala. Para Quadros (2004, p.60) “As crianças mais novas têm mais dificuldades em entender que aquele que está passando a informação é apenas um intérprete, é apenas aquele que está intermediando a relação entre o professor e ela”.

5.3 PROFESSORES

Enquanto formação e especialização dos professores pesquisados. O professor P1 e formado em pedagogia com pós-graduação em didática do ensino superior. A professora P2 e formada em pedagogia com pós-graduação em educação especial.

1- Como você explicaria o trabalho de intérprete de Libras na sala de aula?

(05) Professora 5: E de extrema importância, ela auxilia muito o meu trabalho em sala, o aluno surdo necessita de uma pessoa para ajuda-lo, fazendo a interpretação por português para a linguagem de sinais.

(06) Professora 6: Muito importante para nós os professores, pois sem o intérprete não teríamos como desenvolver um bom trabalho com o aluno surdo e nem com o restante da sala.

Ambas as professoras concordam na importância de ter um intérprete na sala de aula, diante das necessidades do aluno Surdo/deficiente auditivo, auxiliando o seu trabalho, o intérprete de libras agem com um tutor da criança que sem a sua presença possivelmente os professores não conseguiriam desenvolver e nem obter os mesmos resultados.

Para Damázio o aprimoramento da intérprete e dos professores é necessário para o aperfeiçoamento da escola comum.

Esta autora observa que os professores precisam conhecer e usar a língua de sinais, entretanto, deve-se considerar que a simples adoção dessa língua não é suficiente para escolarizar o aluno com surdez. Assim, a escola comum precisa implementar ações que tenha sentido para os alunos em geral e que esse sentido possa ser compartilhado com os alunos com surdez. (DAMÁZIO, 2007, p. 3).

6 CONCLUSÃO

Diante das novas leis sancionadas para atendimento e melhora da qualidade de vida do aluno Surdo/deficiente auditivo, o reconhecimento da LIBRAS enquanto língua oficial da comunidade surda no Brasil se tornou a sua maior conquista, juntamente com a obrigatoriedade de um profissional intérprete de Libras nas salas de aula do ensino regular e o atendimento educacional especializado na sala de recursos.

Apesar das recentes mudanças o atendimento ainda se encontra em fase de adaptações. Para que aja um melhor desenvolvimento do aluno na sala de aula, os alunos deve ter total apropriação da Libras enquanto a sua língua materna. Assim o trabalho realizado na sala de recurso com o aluno Surdo/deficiente auditivo e de extrema importância para o aprendizado

da Libras. De igual importância está o trabalho do intérprete de Libras, que em tese atuando como mediador entre o aluno e professor, proporciona ao aluno uma melhor compreensão dos conteúdos trabalhados em sala. Por tanto, ficou claro que a atuação do intérprete vai além de um tradutor. Os alunos veem neles uma figura essencial para sua inclusão em sala de aula, já que a falta de professores capacitados em Libras acaba prejudicando a sua comunicação com o aluno.

Apesar dos avanços ocorridos na história de vida dos Surdos/deficientes auditivos, e diante dos resultados obtidos na pesquisa, pode-se perceber que apesar de algumas dificuldades enfrentados pelos alunos na sala de aula, a escola é um espaço efetivo e atuante em promover a inclusão do aluno Surdo/deficiente auditivo na sociedade.

THE ROLE OF INTERPRETER OF POUNDS IN THE PROCESS OF LEARNING IN THE YEARS INITIALS OF ELEMENTARY SCHOOL

ABSTRAT²

This article has in order to understand how the work of the interpreter pounds in the school hall Jurandir Liberino de Mesquita, in Sinop. The methodology used was qualitative research with participant observation by means of semi-structured interviews. Sought to analyze the relationship student/teacher and performer in the classroom, in the process of literacy. The theoretical fundamentals of Carlos Skliar, Karin Strobel and Shana Müller Quadros Frames support the article. The data demonstrated that the professional interpreter pound is of fundamental importance to the teaching-learning process in special education.

Keywords: Special Education. Interpreter pounds. Students and teachers.

REFERÊNCIAS

ALUNO A1. **Aluno A1:** depoimento [18 jun. 2013]. Entrevistadora: Kely Cristiande da Silva. Sinop, 2013. Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso sobre o aluno surdo e o intérprete na sala de aula.

ALUNO A2. **Aluno A2:** depoimento [18 jun. 2013]. Entrevistadora: Kely Cristiande da Silva. Sinop, 2013. Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso sobre o aluno surdo e o intérprete na sala de aula.

² Tradução realizada pela Patrícia Aparecida da Silva (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

DAMÁZIO, Milene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com Surdez**. Brasília: MEC, 2007.

INTÉRPRETE L1. **Intérprete L1**: depoimento [16 jun. 2013]. Entrevistadora: Kely Cristiande da Silva. Sinop, 2013. Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso sobre o aluno surdo e o intérprete na sala de aula.

INTÉRPRETE L2. **Intérprete L2**: depoimento [16 jun. 2013]. Entrevistadora: Kely Cristiande da Silva. Sinop, 2013. Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso sobre o aluno surdo e o intérprete na sala de aula.

BRASIL. MEC. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Especial. Brasília: SEESP, 2004.

SKILAR, Carlos (Org.). **Educação e exclusão: abordagens sócias antropológicas em educação**. Porto Alegre: Mediação, 1997.

_____. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROEBEL, Karin Lilian. **História da educação dos surdos, apostila elaborada para disciplina de curso de licenciatura de Letras/LIBRAS**, UFSC. Florianópolis, 2008.

Disponível em:

http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf. Acesso em: 13 maio 2014.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

PROFESSORA P1. **Professora P1**: depoimento [18 jun. 2013]. Entrevistadora: Kely Cristiande da Silva. Sinop, 2013. Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso sobre o aluno surdo e o intérprete na sala de aula.

PROFESSORA P2. **Professora P2**: depoimento [18 jun. 2013]. Entrevistadora: Kely Cristiande da Silva. Sinop, 2013. Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso sobre o aluno surdo e o intérprete na sala de aula.